

Conto: Sim, irmãos

Rodrigo Trindade ¹

¹ Professor do IFSP São Paulo, Mestre em Literatura Brasileira (USP), r.trindade@outlook.com

Itapetininga 01 de junho de 2016

Sim, irmãos

- Eu não consigo lhe entender, Sofia. Por que você não guarda as roupinhas da boneca todas de uma vez? – diz o pai em um misto de pressa e impaciência, enrolado no nó da gravata.

A criança, absorta em sua tarefa, continua a organizar o figurino de sua modelo.

- Calma, Beto. – atalha a esposa, ajoelhando-se ao lado da pequena. Com o auxílio de um prendedor multicolorido molda um apressado penteado nos cabelos escorridos da criança. Dirigindo-se a ela:

– Deixa que a mamãe te ajuda, amor. Eu arrumo o seu cabelo e você os brinquedos.

Em troca recebe um sorriso afetuoso subtraído de dois dentes da frente.

- Enquanto isso, Beto, vai lá e arranca o terrorista-mirim do banheiro. - continua Denise, enfiando o laptop na bolsa.

- Não fala desse jeito do menino, vai que ele escuta. – rebate Roberto. E corre para o banheiro, aproveitando o percurso para localizar a chave do carro.

- Já escovou os dentes, gigante?

- Já, mas caiu a pastinha aqui. – envergonhado, o menino aponta a mancha de creme dental no agasalho da escola.

-Não precisa fazer bico, Quim. Vamos trocar a blusa. Você até pode ir montado no cavalo. – rapidamente o aspirante a Clint Eastwood monta no pescoço do homem que sai em disparada pelo corredor.

Substituído o traje, o solene pacto de silêncio:

- Não vamos contar isso pra mamãe, tá bom? Toca aqui.

Após o leve estalo da pequena com a grande mão, a criança simula o fechamento de um zíper diante dos lábios.

Com os quatro já reunidos diante da porta, cumpre aos pais verificar se nada falta antes de partirem rumo a escola de período integral das crianças, estação do metrô onde desembarca o marido e escritório da esposa, parada final. No fim da tarde, cabe a Denise realizar o percurso inverso, recolhendo um a um os membros de sua família.

Com a porta já aberta, a menina Sofia corre para apertar o botão de chamado do elevador, era esta uma de suas missões diárias. Denise, percorrido meio corredor, se dá conta de que algo falta. Volta-se para o menino quase à porta e pede:

- Quim, pode pegar a mochila da sua irmã aí ao lado, por favor?

- Tá aqui, Sôfi. – caminha passos cambaleantes, porém valentes, num esforço hercúleo em demonstrar à mãe que consegue carregar os dois volumes ao mesmo tempo.

- Papai, a professora disse que o Quim não é meu irmão. – anuncia Sofia sem retirar os olhos da estampa da mochila equilibrada sobre seus pequenos pés.

Longa pausa. Os pais abandonam os celulares e se entreolham, como que buscando no parceiro a curta frase que pudesse explicar toda a complexa trama que originava aquela família. Chegam à garagem.

Os filhos estudavam na mesma classe desde seu primeiro contato com a escola, quando os pais se casaram. A diferença de idade entre eles: dois meses.

A mãe, abrindo a porta do carro:

- Por que ela disse isso?

O menino, muito atento à história:

- Ela disse que eu sou D-I-A-S e a Sossô é H-E-R-R-E-R-E. – e confunde a última vogal do sobrenome hispânico da irmã.

O pai:

- Como você soletra direitinho, Quim. – recebe o olhar de reprovação da esposa, como indicação de que desconversar não era o caminho. Compreende a mensagem.

Trata-se da segunda semana de aula. A professora do segundo ano ainda não conhecia as especificidades do casal.

A menina:

-Ela perguntou por que eu queria juntar a mesa com o Quim e não com a Ana Beatriz.

A mãe:

- E o que você falou?

A menina:

- Porque ele é meu irmão, ué!

Roberto esfrega as pálpebras, disfarçando o efeito pungente que as palavras da filha lhe produzia. Vivia sensações distintas no atual momento da vida. Primeiro o contentamento por depois de um abandono ter se casado com a sua primeira namorada. Entre o abandono e o reencontro, casara-se com a mãe de Sofia, de quem ficou viúvo quando a filha tinha apenas três anos.

Culpava-se por nunca ter amado plenamente a primeira mulher, sempre indiretamente comparada à namorada que o deixara depois de viajar em férias para a Colômbia, de onde retornou apenas anos depois.

Envergonhava-se do amor que sentia pela atual esposa, buscava ser contido na presença de sua pequena órfã, a quem ensinou chamar Denise de mamãe.

Sentia, ao recordar da fatalidade, que devia à memória da morta um maior período de luto e uma dose extra de saudade. Devotava-lhe nos poucos anos que viveram juntos profunda cordialidade e respeito, não mais do que isso. A semelhança da filha com a mãe gradativamente fazia com que o pai a evitasse e a educasse com relativo distanciamento.

O menino:

- Eu falei que sim, pai, que era verdade, aí a professora mandou um bilhete pra você. Tá colado no caderno.

Denise fixa seu olhar no trânsito à frente. Admirava o modo como os pequenos, ainda que não fossem verdadeiramente irmãos, tratavam-se como tais. A união era surpreendente, até mesmo as implicâncias comuns entre meninas e meninos com seis anos não se estendiam à dupla. Talvez tivessem aprendido deles, marido e mulher, a vocação natural da convivência, a amizade.

Do genitor de seu filho guardava os galanteios que a fizeram romper o primeiro namoro com o atual marido e partir numa nômade aventura por quatro países da América Latina em menos de dois anos. O filho, parte venezuelano, a cada mês desenvolvia um sorriso expressivo tal qual o do pai biológico, o que a fazia virar o rosto a cada vez que o pequeno gargalhava. No começo fora emocionante a vida sem planos, sem ambições, sem residência fixa, mas embora fosse o parceiro sempre encantador e empenhado amante, não o era só para ela.

Decidira abandonar o homem e retornar à velha vida, recomeçara a carreira de engenheira e, em poucos meses, reencontrou num congresso de técnicas de edificações o antigo namorado, recém-viúvo, com uma filha da idade do seu.

Casaram-se em uma festa reservada, contida pelo embaraço do noivo e pela ausência de empolgação da noiva. Roberto implodia de amor, tinha certo receio. Denise devolvia carinho, respeito. Contentava-se com a estabilidade inspirada pelo marido. Substituía seu antigo mundo pela aventura do cotidiano.

O combinado: seriam mãe e pai de seus filhos, como se dos dois realmente fossem. Esqueceram apenas de combinar que não dariam mais atenção ao filho do outro do que ao próprio, talvez por tentarem esquecer as feições e expressões dos companheiros que haviam ficado para trás, ou pelo desejo de agradar, afinal, o que é próprio parece não carecer de tanto zelo.

Viviam bem, cada um com a satisfação que lhe era possível. Combinaram não ter mais filhos, os quatro eram felizes. Dos antigos parceiros restavam os rostos e o modo de ser das crianças, as fotografias da falecida que serviam à memória da primeira infância de Sofia, e uma ligação semestral de alguma parte do globo, sem maiores desdobramentos.

Veza ou outra Roberto sonha que a mulher não vem buscá-lo na estação porque desiste da obviedade que é viver ao seu lado. Toda tarde quando dirige rumo ao metrô, nos poucos momentos em que desfruta da solidão, Denise se recorda de como é belo o pôr-do-sol na costa do pacífico.

Estão de frente ao portão da escola, não se pode parar por muito tempo. A fila de carros é longa.

- Meninos, amanhã o papai e a mamãe vêm conversar com a professora de vocês...